

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

– Um Romance do Mundo Antigo

STEVEN SAYLOR

AS SETE MARAVILHAS
DO MUNDO

— Um Romance do Mundo Antigo

Tradução de
PEDRO CARVALHO E RITA GUERRA



BERTRAND EDITORA

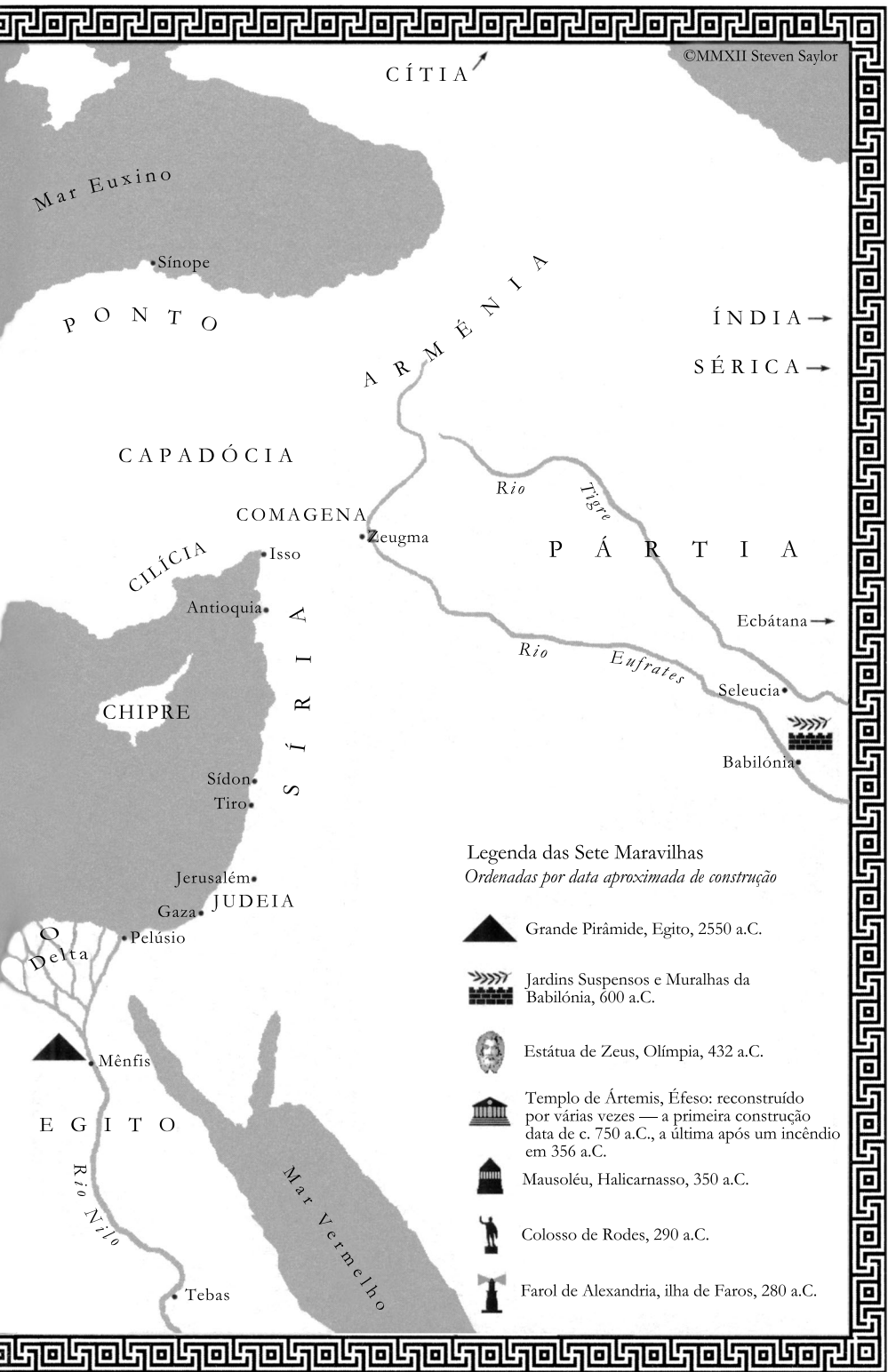
Lisboa 2012

Com vento favorável, Apolónio e o seu discípulo Dâmis chegaram a Rodes. Ao aproximarem-se do Colosso, Dâmis exclamou: «Mestre, haverá algo mais grandioso do que isto?» Ao que Apolónio respondeu: «Sim, um homem que ame a sabedoria num espírito são e inocente.»








— FILÓSTRATO, *A VIDA DE APOLÓNIO DE TLANA*, 5: 21



O MUNDO
das
SETE MARAVILHAS
no Tempo de Gordiano, c. 90 a.C.



Legenda das Sete Maravilhas
 Ordenadas por data aproximada de construção

-  Grande Pirâmide, Egito, 2550 a.C.
-  Jardins Suspensos e Muralhas de Babilónia, 600 a.C.
-  Estátua de Zeus, Olímpia, 432 a.C.
-  Templo de Ártemis, Éfeso: reconstruído por várias vezes — a primeira construção data de c. 750 a.C., a última após um incêndio em 356 a.C.
-  Mausoléu, Halicarnasso, 350 a.C.
-  Colosso de Rodas, 290 a.C.
-  Farol de Alexandria, ilha de Faros, 280 a.C.

I

PRELÚDIO EM ROMA: *O Morto Que não Estava Morto*

— Agora que estás morto, Antípatro, o que planeias fazer?

O meu pai riu da sua própria piada. Sabia muito bem o que Antípatro planeava fazer, mas não conseguia resistir a um bom jogo de palavras. Os enigmas eram a paixão do meu pai — e resolvê-los era a sua profissão. Chamava-se a si próprio o Descobridor, porque os homens o contratavam para descobrir a verdade.

Sem surpresa, o velho Antípatro respondeu com um poema inventado no momento; sim, porque é de Antípatro de Sídon que estou a falar — um dos mais aclamados poetas do mundo, famoso não só pela elegância dos seus versos como também pela forma quase mágica com que produzia de improviso, como se lesse os versos no éter. O seu poema, claro, era em grego:

Morri no meu aniversário, devo então Roma deixar.

Agora, no aniversário do teu filho — será tempo de a casa abandonar?

A questão de Antípatro, tal como a do meu pai, fora meramente retórica. Há vários dias que o velho poeta e eu levávamos a cabo os preparativos para partirmos juntos de Roma naquele dia. O velho sorriu-me.

— Parece-me injusto, meu rapaz, que o teu aniversário seja ensombrado pelo meu funeral.

Resisti ao desejo de o corrigir. Ainda que ele mantivesse o hábito de se dirigir a mim como um rapaz, eu era, na verdade, um homem

e já o era há exatamente um ano, desde que envergara a toga viril, por altura da celebração do meu décimo sétimo aniversário.

— Haverá melhor maneira de celebrar o meu aniversário, mestre, do que partir para uma viagem com que muitas pessoas podem apenas sonhar?

— Bem dito! — Antípatro apertou-me o ombro. — Nem todos os jovens rapazes têm a possibilidade de ver com os próprios olhos os maiores monumentos alguma vez construídos pela humanidade, ainda para mais na companhia do maior poeta de sempre.

Antípatro nunca fora modesto. Agora que estava morto, supunho que não tivesse qualquer razão para o ser.

— E não são todos os homens que têm o privilégio de contemplar a estela do seu próprio funeral — disse o meu pai, apontando com um gesto da sua mão para o objeto a que se referia.

Encontrávamo-nos os três no jardim da casa do meu pai, no monte Esquilino. O céu estava limpo e o ar quente, pois estávamos no mês de Martius. À nossa frente — entregue apenas uns momentos antes, vinda diretamente da oficina do escultor — encontrava-se uma adivinha gravada em mármore. Tratava-se de uma estela funerária para um homem que não estava morto. A placa retangular fora esculpida com elegância, pintada com cores vivas e tinha apenas cerca de trinta centímetros de altura. Iria ser colocada, mais tarde, sobre o sepulcro destinado às cinzas do homem morto, mas por ora estava pousada sobre a caixa dentro da qual fora entregue.

Antípatro assentiu, pensativo.

— E nem todos os homens têm a oportunidade de conceber o seu próprio monumento, como eu. Não pensas que é *demasiado* irreverente, pois não, Descobridor? Quer dizer, não quero que olhem para esta estela e percebam que é falsa. Se alguém desconfiar que fingi a minha própria morte...

— Para de te preocupar, velho amigo. Está tudo a correr como planeámos. Há cinco dias, registei a tua morte no Templo de Libitina. Graças às ricas matronas que enviam um escravo para verificar várias vezes por dia as listas, a notícia da tua morte espalhou-se por Roma numa questão de horas. Todos presumiram que o teu velho amigo e patrono Quinto Lutácio Catulo tomaria conta dos teus

restos mortais e se encarregaria dos preparativos fúnebres. Houve alguma incredulidade, quando se soube que um humilde cidadão como eu tinha sido nomeado executor no teu testamento e que os teus restos mortais deveriam ser exibidos no vestíbulo da minha casa. Mas assim foi. Convoquei os cangalheiros para lavarem e perfumarem o corpo, comprei flores, rebentos de cipreste, incenso e uma padiola muito elegante, o teu testamento garantiu fundos suficientes para as despesas necessárias, e depois coloquei o teu cadáver em câmara ardente no vestíbulo. E que afluência tivemos! Todos os poetas e metade dos políticos de Roma foram prestar a sua última homenagem.

Antípatro exibiu um sorriso sarcástico.

— A minha morte permitiu-te travar conhecimento com a fina flor de Roma, Descobridor, precisamente os que estão constantemente a ser arrastados para os tribunais, acusados de se matarem uns aos outros. Atrevo-me a dizer que isto pode revelar-se uma sorte inesperada, conheceres tantos potenciais novos clientes!

O meu pai abanou a cabeça.

— Parece que todos vieram dar uma espreitadela, exceto o Catulo. Achas que está chateado por o seu nome não constar como executor?

— O mais certo é estar a adiar, esperando pelo dia de hoje para prestar a sua última homenagem, de modo a que a sua visita seja tão vistosa quanto possível. O Catulo pode ter a alma de um poeta, mas tem os instintos de um político...

Antípatro calou-se, quando ouvimos alguém bater à porta.

— Outro visitante. Vou desaparecer de imediato.

Antípatro correu para a porta escondida que dava acesso a uma câmara estreita adjacente ao vestíbulo, onde uma fenda minúscula na parede servia de olho mágico e lhe permitia observar tudo o que do outro lado se passava.

Um instante depois, o porteiro do meu pai, o único escravo que ele tinha na altura, apareceu no jardim.

— Tem um visitante, senhor — arquejou Dámon. A enchente constante de visitantes estava a deixar rouco o pobre velhote. Dámon pigarreou e vi-o concentrar-se, determinado em acertar no nome. — Linto Quintácio Catulo, antigo cônsul da República, veio prestar a sua última homenagem ao defunto.

— Quinto Lutácio Catulo, penso que seja isto que querias dizer — disse o meu pai, em tom complacente. — Vem, filho, vamos cumprimentar o cônsul.

O homem no vestíbulo tinha, talvez, cerca de sessenta anos de idade. Tal como o meu pai e eu, envergava uma toga negra, contudo a sua estava adornada com uma faixa púrpura que assinalava o seu estatuto de senador. Dez anos antes, Catulo servira como cônsul e comandante de legiões; fora o seu exército que aniquilara os cim-bros na Batalha da Planície de Raudine. No entanto, Catulo era também um homem de cultura e saber e dizia-se que tinha uma natureza sensível. Encontrava-se, muito direito, à frente do esquite, com os braços cruzados sobre o peito.

O meu pai apresentou-nos, mas Catulo nem pareceu dar conta.

— A sua distinta presença honra a minha casa, cônsul, embora lamente a tristeza da ocasião. Veio sozinho?

Catulo ergueu uma sobrancelha.

— Claro que não. Deixei o meu séquito lá fora, para que eu possa passar um momento sozinho com o meu velho amigo, cara a cara, por assim dizer. Infelizmente, a sua cara está tapada.

Catulo fez um gesto na direção da máscara de cera que cobria o rosto do cadáver.

— É verdade que os seus traços ficaram desfigurados com a queda?

— Temo que sim — disse o meu pai. — Os cangalheiros fizeram o que puderam para o tornar apresentável, mas os resultados da queda foram de tal ordem que achei preferível esconder os ferimentos. Por norma, a máscara de morte é feita diretamente a partir da impressão do rosto em repouso. Neste caso, contudo, contratei um escultor para a criar. A máscara será utilizada no cortejo fúnebre, como é costume, mas até lá, coloquei-a sobre o rosto. Creio que o escultor realizou um excelente trabalho, não acha? Parece-se realmente com o Antípatro, deitado, de olhos fechados, como se estivesse a dormir. No entanto, se desejar olhar para a sua cara...

Catulo assentiu com a cabeça, em concordância.

— Sou um militar, Descobridor. Já vi as coisas mais terríveis que podem ser feitas à carne humana. Mostra-me.

O meu pai aproximou-se do esquite e levantou a máscara fúnebre.

O guincho abrupto e efeminado do sóbrio cônsul, abafado pela mão levada à boca, foi tão incongruente que quase ri em voz alta. Atrás da parede, ouviu-se um ruído, como um pedaço de estuque a cair, e imaginei Antípatro a tremer de alegria.

Catulo olhou para a parede. O meu pai encolheu os ombros e pareceu envergonhado, como se se desculpasse pela presença de ratos.

— Como pode uma simples queda resultar num tão terrível desfiguramento?

Catulo manteve o seu punho contra a boca. Parecia algo verde.

— Foi uma grande queda — explicou o meu pai —, do andar superior de um apartamento na Subura, um edifício com cinco pisos. O Antípatro aterrou de cabeça. Tal como eu disse, os cangalheiros fizeram o que puderam...

— Sim, compreendo. Volte a colocar a máscara, por favor.

— Com certeza, cônsul.

Não pela primeira vez, pensei acerca da verdadeira identidade do cadáver que jazia no esquife. O meu pai recusara-se a revelar-ma, seguindo o hábito antigo de guardar para si todo e qualquer aspeto do seu trabalho que considerasse desnecessário eu conhecer. Quando atingi os dezassete anos de idade, pensei que ele poderia achar adequado partilhar comigo todos os seus segredos, mas aconteceu exactamente o contrário, e ao longo do último ano tornara-se ainda mais reservado do que nunca. Eu sabia que algo muito perigoso se estava a preparar em Roma, para que Antípatro simulasse a própria morte e o meu pai o assistisse num esquema tão louco; mas quanto aos detalhes, fui mantido na ignorância.

O corpo do velho no esquife era, ao que parece, muito semelhante ao de Antípatro, pois nenhum dos visitantes expressou a mais pequena dúvida. Claro que as únicas partes do corpo visíveis eram os longos cabelos brancos, a barba e as mãos enrugadas, apresentando manchas de idade, cruzadas sobre o peito, estando tudo o resto coberto por um dos trajes preferidos de Antípatro e pela máscara. O homem morrera de facto devido a uma queda na Subura, tal como o meu pai descrevera, tendo partido a cabeça e desfigurado o rosto. Tratar-se-ia de um escravo, discretamente adquirido ao proprietário? Um marginalzeco qualquer que ninguém reclamara? Ou

apenas um cidadão idoso da Subura, sem família ou amigos que o chorassem? Quem quer que fosse, morreria na altura certa, permitindo fazê-lo passar por Antípatro. De certa forma, o meu pai até fizera um favor ao pobre diabo; o falecido foi chorado pelas mais importantes figuras de Roma e estava prestes a receber um funeral muito acima da sua condição.

— Como é triste — disse Catulo — que o Antípatro tenha morrido no dia do seu aniversário, o único dia do ano em que permitia a si próprio embebedar-se por completo. «Uma febre de aniversário anual», foi assim que lhe chamou (como se tal doença existisse!), e não permitiu que nenhum dos seus amigos lhe fizesse companhia, fingindo estar de cama o dia inteiro devido à doença. Presumo que a embriaguez o tenha conduzido à morte?

— Parece, de facto, que o Antípatro se encontrava bastante bêbedo — respondeu o meu pai. — O corpo ainda liberta um certo odor a vinho. Se encostar o nariz à carne...

— Isso não será necessário — interrompeu Catulo, que ainda estava um pouco verde. — É verdade que ele se encontrava em companhia de alguém?

— Assim parece. O quarto de onde caiu é conhecido por ser utilizado para tais propósitos.

— Com a idade que tinha! — Catulo abanou a cabeça, mas esboçou um sorriso. — Mas não havia sinais de ter sido cometido qualquer crime?

— Nenhum que eu conseguisse encontrar — disse o meu pai.

— E encontrar indícios de crimes é a sua profissão, segundo julgo saber. Homem ou mulher?

— Desculpe, cônsul?

— A criatura que Antípatro foi visitar, era homem ou mulher?

Mais ninguém colocara esta questão em particular e percebi que o meu pai estava a ser obrigado a inventar uma resposta no momento. Lembrava-me que Catulo era conhecido por preferir jovens rapazes e chegara mesmo a compor poemas em grego louvando os seus amantes, algo bastante atrevido para um aristocrata romano da geração mais velha.

O meu pai contraiu os lábios.

— Quem quer que estivesse com Antípatro deve ter fugido depois do acidente fatal, não deixando nada para trás, mas parece

que um cliente da taberna viu um belo e jovem rapaz na companhia do Antípatro no início daquela noite.

O meu pai conseguia mentir sem qualquer vergonha, uma habilidade que nunca me consegui transmitir satisfatoriamente. No interior da parede, ouviu-se mais estuque a cair. Estremeceria Antípatro de riso ou ter-lhe-ia dado um pontapé de indignação?

— Ah! — Catulo assentiu. — O Antípatro era discreto acerca da sua vida amorosa, tão discreto quanto a esses assuntos, de facto, que presumi que o velhote já tivesse ultrapassado tudo isso, tendo-se libertado das correntes de Eros, como Sófocles louco por rapazes na sua velhice. Mas sempre suspeitei que tinha em si o gosto por um belo jovem. De que outra forma poderia ele ter composto um epítáfio para Anacreonte?

O cônsul pousou a mão no coração e declamou:

Aqui jaz Anacreonte — poeta, cantor e da lira tocador.

Ouvi agora a canção sobre o amor que é fogo que arde em esplendor...

Pelo bailarino Batilo tinha Anacreonte um amor louco e sem grilhões,

Procurando desesperadamente uma resposta a estas questões...

Catulo suspirou e limpou uma lágrima. Até àquele momento mal tinha dado pela minha presença, mas agora o seu olhar recaía sobre mim.

— Então este rapaz é o teu homónimo, hã, Descobridor? O jovem Gordiano.

— Sim, mas como pode ver pela sua toga viril, o meu filho já não é um rapaz. Hoje celebramos o seu décimo oitavo aniversário.

— Ai, é? — Catulo ergueu uma sobrancelha, curioso. — Bem, devo aconselhar-te a *não* seguir o exemplo do Antípatro no que diz respeito à celebração do teu aniversário, mas em tudo o resto sair-te-ias bem se agisses como ele. Eras seu pupilo, não é verdade?

— Tinha a honra de lhe chamar mestre — respondi.

— E tens toda a razão. O Antípatro era muito seletivo em relação a quem tomava como pupilo. Deve ter visto algo muito especial em ti, jovem — continuou Catulo.

Encolhi os ombros, um pouco constrangido com o olhar fixo do cônsul. De facto, era algo presunçoso da minha parte apresentar-me

como pupilo do grande Antípatro de Sídon; o meu pai nunca conseguiria contratar tão distinto poeta para meu tutor. A nossa relação como professor e aluno sempre fora informal; no entanto, ao longo dos anos, nas visitas regulares que fazia ao meu pai, Antípatro nunca partia sem me meter na cabeça alguns versos de poesia grega, os nomes de generais de Alexandre ou um qualquer outro pedaço de conhecimento. Com o meu pai, aprendi a arrombar qualquer tipo de fechadura, dez maneiras diferentes de saber se uma mulher está a mentir e como seguir alguém sem ser visto; mas tudo o que eu sabia de literatura, de história, de matemática, e especialmente da língua grega, fora Antípatro que me ensinara.

— Talvez queira ver a estela funerária? — ofereceu o meu pai.

— Já foi esculpida? — retorquiu Catulo.

— Foi entregue nem há uma hora. Dado que o Antípatro tinha grande orgulho na sua herança grega, achei apropriado seguir os costumes gregos. De acordo com a lei antiga proclamada por Sólon de Atenas, nenhum monumento deve ser tão extravagante que não possa ser esculpido por uma oficina de dez homens em três dias. A placa de mármore foi entregue esta manhã; a tinta mal tinha acabado de secar. Siga-me, cônsul.

O meu pai conduziu-nos até ao jardim iluminado pela luz do sol. Ouvi um leve sussurro vindo da parede onde se escondia Antípatro; este teria de permanecer ali, incapaz de observar o que acontecia no jardim.

— Como pode ver, cônsul, o monumento foi esculpido no estilo tão na moda, hoje em dia, entre os gregos instruídos. A placa tem uma dimensão modesta, para que possa ser colocada sobre o simples sepulcro de pedra que receberá as suas cinzas. O conceito é algo a que, em latim, chamamos *rebus*; as imagens contam uma história, mas apenas aos que forem capazes de decifrar o seu significado.

— Ah! sim — disse Catulo. — O próprio Antípatro escreveu vários poemas sobre tais pedras tumulares. Quão apropriado que a sua tenha sido concebida neste estilo críptico. Deixe ver se consigo resolver o enigma.

Um frontão triangular elaboradamente decorado com colunas de ambos os lados — esta parte era feita em série para todas as placas

— servia de moldura para as imagens que tinham sido gravadas em baixo-relevo para comemorar Antípatro. Catulo franziu a testa, enquanto estudava o enigma visual.

— Um galo! — exclamou. — Porquê um galo? É verdade que o galo foi cuidadosamente desenhado. Os olhos são deveras destemidos, o bico está bem aberto para cantar e as asas estendidas foram pintadas com um vermelho-vivo. Agora, o que são estes objetos que ele aperta com as garras? Numa pata um cetro (símbolo de realeza) e na outra, um ramo de palma, símbolo da vitória que pode ser atribuído a um atleta. — Catulo trauteou, pensativo. — E o que é isto, equilibrado mesmo no limite da base, como se prestes a cair? Um osso, como os que os nossos antepassados usavam como dado de jogar. Quando um dado destes é lançado, um dos quatro lados fica virado para cima. Não sou um homem dado a jogos, mas até eu sei que este lançamento em especial perde sempre. Como lhe chamam os gregos? Ah! sim, o lançamento quiano, batizado com o nome da ilha de Quios.

Catulo afastou-se para trás e assumiu uma postura pensativa, a mão direita na boca e a esquerda segurando o ombro direito.

— Um cetro... e, no entanto, o Antípatro não era de sangue real. Um ramo de palma... e, no entanto, o Antípatro não era conhecido pelas suas proezas atléticas, nem mesmo quando era jovem. Porquê um galo? E porquê um lançamento perdedor dos dados?

Ponderou durante mais um pouco e depois sorriu.

— A palma é um troféu de vitória, sim, mas é também o símbolo da cidade de Tiro; e, embora o Antípatro se dissesse nativo de Sídon, na realidade nasceu em Tiro, alguns quilómetros para sul na costa da Síria. Ele revelou esse facto a muito poucas pessoas; vejo que estás entre elas, Descobridor. Que inteligente da tua parte incluir esse detalhe, já que só os que eram próximos do Antípatro o conseguirão desvendar.

O meu pai encolheu os ombros, de forma despreziosa, ou antes, fez o oposto, suponho, dado que, com aquele gesto, aceitava o crédito pelo desenho criado pelo próprio Antípatro.

— O galo cacarejante sugere um homem que se fez ouvir a todas as distâncias, como o Antípatro com os seus versos. E, como rei dos poetas, o cetro pertence-lhe por direito. Mas o dado e o lançamento quiano...

Catulo pensou um pouco mais, batendo em seguida as mãos.

— Por Hércules, este é o golpe mais inteligente de todos! Conseguiste simbolizar não só o início da vida de Antípatro, o seu nascimento em Tiro, como também o seu fim e a forma exata da sua morte. «Quiano» é um mau lançamento dos dados, mas a ilha de Quios também é famosa pelo seu vinho. Ao beber demasiado vinho, o Antípatro sofreu uma queda terrível, devido a um verdadeiro lançamento quiano. Criaste um jogo de palavras na pedra, Descobridor. Não é apenas inteligente; é absolutamente brilhante.

O meu pai até corou e baixou os olhos, como se fosse demasiado modesto para aceitar tal elogio.

Catulo endireitou-se, rígido, e segurou as dobras da toga.

— Descobridor, devo-te um pedido de desculpa. Quando ouvi que os pertences do meu querido amigo Antípatro tinham sido confiados a... bem, a uma pessoa fora do *nosso* círculo, pensei que ele tivesse perdido o tino antes de escrever o testamento. Contudo, agora vejo o quão próximos vocês deviam ser um do outro, a atenção especial que ele concedeu ao teu filho e, acima de tudo, a tua extrema inteligência, que só um homem com o intelecto do Antípatro poderia, de facto, reconhecer. Deixaste o velhote orgulhoso com esta pedra tumular. Eu próprio não conseguiria criar uma melhor.

E com isto, o cônsul irrompeu em lágrimas e chorou como uma mulher.



— Antípatro, isto é uma loucura! — O meu pai abanava a cabeça. — Não podes alterar os nossos planos no último momento. Não podes participar no teu próprio funeral!

Depois de se recompor, o cônsul Catulo voltara a juntar-se ao seu séquito que aguardava na rua, frente à nossa casa, onde o cortejo fúnebre se começara a juntar. Eu conseguia ouvir os músicos a aquecer, produzindo notas penetrantes com as suas flautas e percutindo as pandeiretas. As carpideiras profissionais desobstruíam as gargantas, emitindo sonoros e ululantes soluços. Dentro de momentos, chegariam carregadores para transportar o esquife do vestíbulo até à rua, a fim de dar início ao cortejo.

Antípatro analisou o seu reflexo num espelho de prata polida, afagando o queixo recentemente barbeado. Desde que o conhecia que sempre usara uma longa barba branca. No entanto, para a sua partida de Roma permitira que Dámon lhe cortasse a barba e rapasse as faces. Não era propriamente um disfarce, mas dava-lhe uma aparência bastante diferente e consideravelmente mais jovem.

O plano era o seguinte: mal o cortejo fúnebre desaparecesse na rua, Antípatro e eu sairíamos pela porta da frente; não poderia haver melhor altura para sairmos sem sermos vistos, uma vez que alguém que o pudesse reconhecer se encontraria seguramente no funeral. Atravessaríamos de modo furtivo a cidade até aos cais na margem do Tibre, onde embarcaríamos rio abaixo em direção a Óstia. Tais barcos partiam durante todo o dia e mesmo de noite, pelo que não teríamos qualquer dificuldade em encontrar um.

Contudo, agora, à última da hora, quando nos aprontávamos para partir, Antípatro propunha uma alteração de planos. Sim, partiríamos os dois para Óstia e depois para Éfeso, mas não antes de terminado o funeral. Antípatro queria assistir à cremação e ouvir os discursos e já tinha pensado numa forma de o fazer.

— Quando o arquimimo chegar, Descobridor, diz-lhe que, afinal de contas, não necessitas dos seus serviços e manda-lo embora. Eu tomarei o seu lugar!

Era função do arquimimo, um profissional, caminhar à frente do esquife envergando a máscara funerária do falecido. Alguns arquimimos tinham transformado essa imitação numa verdadeira forma de arte, reproduzindo fielmente a forma de andar e os gestos do morto, realizando sátiras mudas e improvisadas para recordar a todos os que o conheciam alguns comportamentos conhecidos do falecido.

— Mas eu contratei o melhor arquimimo de Roma — lamentou-se o meu pai —, tal como indicado no teu testamento. É o elemento mais caro de todo o cortejo.

— Não interessa — disse Antípatro. — Quem melhor para me representar do que eu próprio? Já estou devidamente vestido; quisesse que eu usasse preto hoje, para que se alguém me vislumbrasse, eu não parecesse deslocado. E o jovem Gordiano ainda está com a sua toga preta vestida. Também ele poderá participar no funeral.

Antípatro ergueu a máscara de cera que estava presa num poste e segurou-a à frente do rosto.

— Que loucura! — exclamou de novo o meu pai, calando-se em seguida, pois o cônsul Catulo, que vinha do vestíbulo, juntara-se de repente a nós no jardim.

— Descobridor, está na hora — disse Catulo no tom de voz de um homem habituado a comandar. — Chegaram os carregadores. Tomei a liberdade de os conduzir ao vestíbulo. E olha, aqui está o arquímimo! — Olhou fixamente para Antípatro. — Como entraste na casa sem que eu te visse?

Com o rosto escondido por detrás da máscara, Antípatro esboçou um encolher de ombros elaborado e estendeu graciosamente um braço, executando um floreado com os dedos.

Catulo franziu o sobrolho.

— Tal gesto não se parece nada com o Antípatro! Mas a máscara é muito parecida. Suponho que sirva. Descobridor, começamos?

O meu pai suspirou e seguiu Catulo até ao vestíbulo, onde os carregadores se tinham juntado em torno do esquife. No lugar da máscara tinha sido colocado um raminho de cipreste que cobria o rosto desfigurado do defunto. Sobressaltei-me ao ver o arquímimo, um ruivo de mandíbula fraca, que se erguia junto à porta da frente. Ao que parece, tinha acabado de chegar. Puxei a toga do meu pai e apontei. Este apressou-se a puxar o ator novamente para a rua. Catulo nem deu pela sua presença.

Os carregadores levantaram o esquife. Antípatro, mantendo a máscara erguida junto ao rosto, avançou à sua frente enquanto o corpo atravessava a porta e alcançava a rua. Ao avistarem o defunto, as carpideiras irromperam num lamento.

Olhei para o exterior e fiquei espantado com a dimensão da multidão que se juntara para o funeral de Antípatro. Suponho que não devia ter ficado surpreendido; apesar de tudo, ele era um dos poetas mais famosos do mundo.

Os músicos iniciaram um hino fúnebre de lamento. O cortejo prosseguiu lentamente o seu caminho pelas ruas estreitas do monte Esquilino até termos transposto um portão na muralha da cidade e chegado à Necrópole, a cidade dos mortos. O esquife foi colocado

sobre uma pilha de lenha. Foram proferidos vários discursos, exaltando as virtudes do defunto, incluindo um memorável, proferido por Catulo. Os poemas de Antípatro foram recitados à exaustão. Por fim, acendeu-se a grande fogueira.

Os restos mortais foram reduzidos a cinzas e estas colocadas numa urna. A urna foi depositada num simples túmulo de pedra e sobre este pôs-se a placa de mármore com as imagens do galo a segurar uma folha de palma, do cetro e do dado precariamente equilibrado junto à base.

Durante os procedimentos, assistindo a tudo e à vista de todos, o arquimimo envergava a máscara funerária e realizava uma estranha imitação da forma como se dizia que Antípatro andava, ficava de pé ou, simplesmente, abanava a cabeça.

Tal como diz o velho provérbio etrusco, todos os homens presenciaram o seu próprio funeral, mas Antípatro foi o primeiro homem que conheci que abandonou o seu pelo próprio pé.



— Ouviste o que o Catulo me chamou? «O maior poeta da sua geração!» — Antípatro sorriu. — Mas citou mal o meu epitáfio a Homero. «Arauto de heróis, porta-voz de deuses, glória das musas», repetiu, mas o que realmente escrevi foi «*luz* das musas». Ainda assim, foi elogioso ouvir os meus humildes esforços serem comparados aos de Homero...

— Mal ouvi uma palavra — disse o meu pai. — Estive o tempo todo à espera que alguém se apercebesse do logro e expusesse o busto. Seria a minha desgraça. Nunca mais me chamariam Descobridor, mas sim Vigarista!

— Mas ninguém suspeitou de nada. Foi brilhante! Embora tenha de reconhecer que é um pouco desconcertante vermos-nos a nós mesmos consumidos pelas chamas, depois apanhados como pó e gravilha e despejados para dentro de uma urna.

Antípatro tomou um longo gole de vinho. A noite caía e tínhamos regressado à casa do monte Esquilino para partilhar um jantar confeccionado apressadamente com os restos da despensa. Não havia

muita comida em casa, pois o meu pai esperava que por aquela altura já tivéssemos partido.

— Para ser franco, Antípatro, isto faz-me duvidar do teu discernimento — disse ele. — Tenho algumas dúvidas quanto a confiar-te o meu filho em tão longa viagem. Depois do exemplo de hoje, quem sabe os riscos que vais correr?

— Se temes algum perigo, será mais seguro que o rapaz permaneça aqui contigo? Uma das razões pelas quais me acompanha é sair de Roma, enquanto...

— Já não sou um rapaz — senti-me obrigado a realçar.

Teria feito melhor em manter-me calado e ouvir o que Antípatro tinha para dizer. Era tão novo e estava tão ditosamente alheio a tudo o que acontecia no mundo à minha volta! Dependia do meu pai para lidar com tudo isso; ele era o meu escudo contra os ventos de guerra e de agitação. A lei podia dizer que eu já era um homem, mas na verdade ainda era o que Antípatro acabara de me chamar, um rapaz.

Porque partia Antípatro de Roma de forma tão misteriosa? Eu tinha uma vaga consciência de que a tolerância em relação aos intelectuais gregos como Antípatro andava por baixo. Entre a elite de Roma havia quem, como Catulo, admirasse tudo o que era grego, a arte, a literatura e a sabedoria, até as filosofias sobre como viver e amar. No entanto, outros havia que continuavam desconfiados dos gregos, considerando-os nada mais do que um povo conquistado, cujos costumes inferiores e estranhos provavelmente corromperiam a juventude romana. Roma era soberana da Grécia, ninguém dizia o contrário; toda a resistência grega acabara uma geração antes de eu nascer, quando o general romano Lúcio Múmio aniquilara a cidade de Corinto, um exemplo aterrador que levou todas as outras cidades gregas a submeter-se. No entanto, tal como os astuciosos gregos se infiltraram em Troia através da artimanha de um cavalo gigante, também havia em Roma quem pensasse que os poetas e mestres gregos eram uma espécie de cavalo de Troia, debilitando traiçoeiramente o modo de vida romana. Antípatro contava com apoiantes fervorosos na cidade, como Catulo, mas também tinha inimigos e, por ora, estes encontravam-se em crescendo.

Preparavam-se outras mudanças. O descontentamento que há muito grassava entre os súbditos de Roma em Itália — territórios conquistados a cujos povos fora concedida apenas uma porção dos nossos próprios direitos e privilégios — crescia rapidamente. Se estalasse uma revolta aberta, a violência podia atingir uma dimensão que já não se via na península itálica há muito tempo. No estrangeiro fermentavam mais problemas. As ambições imperiais de Roma estavam prestes a colidir com as do rei Mitridates do Ponto, que achava que ele, não os romanos, deveria dominar as ricas cidades-Estado, as províncias e os belos reinos do Leste.

Todas estas preocupações pareciam-me muito distantes. Eu tinha apenas o sentido vago de que algo perigoso pairava sobre Antípatro e sobre o meu pai e, por acréscimo, sobre mim. Todas essas preocupações foram relegadas para o fundo da minha mente. Em primeiro plano estava o pânico sentido quando o meu pai ameaçou impedir-me de partir com Antípatro.

— Não sou um rapaz — repeti. — Já sou um homem. A decisão de partir ou não com o Antípatro deveria ser minha.

O meu pai suspirou.

— Eu não te impedirei. Sentia apenas a necessidade de exprimir o meu descontentamento pela forma irresponsável como o Antípatro se comportou hoje. Espero que tal não volte a acontecer, numa qualquer circunstância que leve ambos a perder a cabeça!

— Descobridor, tu preocupas-te demasiado — retorquiu Antípatro. — O jovem Gordiano e eu estaremos entre amigos em muitas das cidades que visitaremos e quando nos aventurarmos por novos lugares, faremos novos amigos.

O meu pai abanou a cabeça, encolhendo depois os ombros em sinal de resignação.

— Já escolheste o nome que usarás enquanto viajarem incógnitos?

— Já — respondeu Antípatro. — Veio-me à cabeça num momento de inspiração, enquanto me via a arder na pira funerária. Permitam-me que me apresente. — Aclarou a voz, apresentou um floreado e uma vénia profunda, que lhe fez estalar as articulações. — Sou Zótico de Zeugma, humilde tutor que viaja na companhia do jovem Gordiano, cidadão de Roma.

O meu pai riu-se. Recorri ao meu grego rudimentar e percebi a piada.

— Zótico — disse eu — significa «cheio de vida» em grego.

— Que melhor nome para um homem supostamente morto? — retorquiu Antípatro com um sorriso.

— Na verdade, estava a rir-me da escolha de Zeugma — disse o meu pai. — Há homens ricos de Alexandria e sábios de Atenas, mas ninguém vem de Zeugma, o que a torna uma escolha ideal, suponho.

— Até poderemos passar por Zeugma a caminho da Babilónia, dependendo do caminho que tomarmos — avançou Antípatro. — Também poderemos ter a oportunidade de visitar Isso, que não se encontra muito longe de Zeugma.

No promontório de Ísis, junto à costa da Cilícia selvagem,
de muitos persas mortos em dias de antanho os ossos ali jazem.
De Alexandre foi o feito. É o que diz a poética imagem.

O meu pai mantinha as suas preocupações.

— Mas não és *demasiado* famoso, Antípatro, para viajar incógnito? Viste quantas pessoas marcaram presença no teu funeral hoje. O nome de Antípatro de Sídon é conhecido por todos, mesmo os que mal ouviram falar sobre a Grécia...

— O *nome* é conhecido... Apenas isso — respondeu Antípatro. — E gostaria de pensar que alguns dos meus versos mais famosos também são conhecidos. Mas a minha cara não é conhecida, nem o som da minha voz. As pessoas leem Antípatro; mas não fazem a mínima ideia de como é ele. Uma vez que a nova da minha morte se espalhe, ninguém estará à espera de me ver numa cidade longe de Roma. Tendo a cara barbeada, mesmo aqueles que me viram uma ou duas vezes não olharão duas vezes. Ninguém ligará o falecido, chorado, Antípatro de Sídon ao humilde tutor Zzzzótico de Zzzzeugma.

Antípatro parecia ter um grande prazer em pronunciar o zumbido das letras iniciais. Mais tarde percebi a razão pela qual «Zótico de Zeugma» lhe dava tanto prazer: nenhum nome era mais grego e menos romano, visto que nenhuma palavra poderia ser traduzida para

latim, tendo a letra Z sido erradicada do nosso alfabeto, há dois séculos, por Ápio Cláudio Cego, que se queixou de que produzia um som repugnante e que o ato físico de o pronunciar fazia um homem parecer-se com um esqueleto sorridente. É claro que esta pérola de conhecimento me foi transmitida por Antípatro.



Nessa noite, quando todos os cidadãos respeitáveis que pudessem reconhecer Antípatro se deveriam encontrar já em casa, atravessámos de modo furtivo a cidade — um jovem romano adequadamente vestido para uma viagem, o seu pai, o seu companheiro de viagem de cabelo branco e o velho escravo que tratava da nossa bagagem. Pobre Dámon! Quando Antípatro e eu estivéssemos longe ele poderia por fim ter algum descanso.

No cais, o meu pai assumiu o papel de páter-famílias — ou seja, fez o melhor que pôde para não mostrar qualquer emoção, apesar de um velho amigo estar prestes a partir numa viagem da qual, com a idade que tinha, era muito provável que não regressasse, com o filho, que estivera ao seu lado desde o nascimento, prestes a afastar-se, pela primeira vez e por um período que nenhum de nós conseguia prever.

O que senti quando abracei o meu pai e olhei para os seus olhos? Creio que estava demasiado excitado com a perspectiva de partir para me aperceber da gravidade do momento. Afinal de contas, tinha apenas dezoito anos e pouco conhecia do mundo.

— Tens os olhos dela — murmurou ele. Referia-se à minha mãe, que morrera há tanto tempo que eu mal me recordava dela. Quase nunca falava dela. O facto de o ter feito agora fez-me corar e baixar o olhar.

Dámon também me abraçou e fiquei surpreendido quando reventou em lágrimas. Pensei que devia estar exausto por trabalhar tão arduamente. Eu não sabia que um escravo, que se movia na escuridão do meu mundo, também podia criar laços e sentir a agonia da partida tão intensamente como qualquer outra pessoa.



Antípatro e eu éramos afinal os únicos passageiros do pequeno barco. Enquanto avançávamos Tibre abaixo, sob a luz das estrelas, aconchegados no meio da nossa bagagem, sentia-me demasiado excitado para dormir. Também Antípatro parecia desperto. Decidi perguntar-lhe algo que me andava a intrigar.

— Mestre, o Tibre vai levar-nos durante a noite até Óstia, certo?

— Sim.

— E em Óstia teremos passagem num navio que nos levará até ao nosso primeiro destino, a cidade de Éfeso, na costa da Ásia.

— É esse o plano.

— Vamos para Éfeso porque tens lá um amigo de confiança com o qual poderemos ficar, mas também porque Éfeso é a terra do grande Templo de Ártemis, uma das Sete Maravilhas do Mundo.

— Correto.

— Porque é tua intenção visitarmos na nossa viagem todas as Sete Maravilhas.

— Isso.

Mesmo na escuridão da noite consegui vê-lo sorrir e os seus olhos a brilhar.

— Mestre, estive a pensar em algo que o ouvi dizer hoje ao meu pai: «As pessoas dizem constantemente: “Antes de morrer, quero ver as Sete Maravilhas.” Bem, agora que estou morto, tenho finalmente tempo para as ver a todas!»

— E o que é que isso tem?

Clareei a garganta.

— Mestre, não compôs estes versos?

Vi as muralhas da Babilónia, extensas sem fim,
E os Jardins daquela cidade, que floresce no céu.
Vi o orgulho de Olímpia, o Zeus de marfim,
E onde jaz o marido de Ártemis, no enorme Mausoléu.
Erguendo a cabeça para o céu, o enorme Colosso vi,
E ainda mais altas, as Pirâmides, cujos segredos não dão a co-
nhecer.

De todas as Sete Maravilhas, a casa de Ártemis em si

É, seguramente, a maior daquelas onde, por direito, um deus pode viver.

Fiz uma pausa por um momento. O rio Tibre, refletindo a luz das estrelas, deslizava por nós. As rãs coaxavam ao longo da margem.

— Então, no poema, declara que o Templo de Ártemis é o maior de todos. Mas se, na realidade, ainda não viu todas as Maravilhas com os seus próprios olhos, então como pode...

— Antes de mais, o meu nome é Zótico e nunca escrevi esse poema; um tipo famoso chamado Antípatro é que o escreveu.

Antípatro falava em voz baixa e, mesmo sob a fraca luz das estrelas, fui capaz de ver o seu semblante carregado.

— Depois, a tua pronúncia é atroz. Tenho pena daquele tipo, do Antípatro. Ninguém deveria declamar os seus versos dessa forma. Assassinas a sua musicalidade! Temos de insistir nas subtilezas da pronúncia grega todos os dias, desde agora até à nossa chegada a Éfeso, ou então serás alvo de chacota sempre que abrires a boca.

— Mestre... Zótico... perdoe-me, por favor. Estava apenas a pensar...

— Terceiro, um jovem romano não pede perdão ao seu tutor grego, pelo menos não o faz onde alguém o possa ouvir. Por fim, nunca ouviste falar de liberdade poética? — suspirou Antípatro — Sendo um grego viajado, vi a *maior parte* das Maravilhas, claro... pelo menos aquelas que se encontram na parte grega do mundo.

— Mas se nunca foi à Babilónia nem ao Egito...

— Bem, vamos agora retificar essa omissão; virás comigo; juntos, veremos todas as Sete Maravilhas do Mundo e poderás constatar com os teus próprios olhos qual a mais grandiosa.

Assenti.

— E se eu achar que a Grande Pirâmide é mais impressionante do que o Templo de Ártemis?

— Então poderás escrever o teu próprio poema, jovem... Se achares que conheces suficientemente bem o grego para o fazer!

E foi o fim da conversa. Durante mais de uma hora, talvez, ouvi o coaxar das rãs que passavam por nós, mas por fim devo ter adormecido, pois quando abri os olhos o dia já nascera. Senti o cheiro a sal do mar. Estávamos em Óstia.



Entre os navios prestes a zarpar, procurámos um que nos pudes-se levar até Éfeso. Antípatro — agora Zótico — regateou o preço, fingindo fazê-lo em meu nome, e antes do meio-dia instalámo-nos num navio que estava a receber um carregamento de *garum* de primeira qualidade de Roma para Éfeso.

Quando o navio se fez ao mar, Antípatro e eu permanecemos na popa e vislumbrámos o cais de Óstia, onde se encontravam várias mulheres — algumas eram provavelmente esposas, outras eram certamente prostitutas — acenando, despedindo-se dos marinheiros que acabavam de partir.

Antípatro inspirou fundo o ar do mar, abriu bem os braços e recitou alto e bom som uma das suas estrofes.

Homens, esta é a estação para viajar, por entre a espuma avançar.

Já não se enraivece Posídon nem Bóreas rasga as telas.

Andorinhas constroem confortáveis ninhos; as donzelas abandonam o tear.

Marinheiros... levantem âncora, recolham as amarras, icem as velas!

Assim deseja Príapo, deus dos portos.

Quando Antípatro baixou os braços, o capitão, que também era grego, colocou-se ao seu lado.

— Antípatro de Sídon, não é? — disse.

Antípatro ia falar, mas apercebeu-se de que o capitão identificara o poema e não o poeta.

— É, sim — disse.

— É uma pena que o velho tenha morrido. Só o soube ontem.

Antípatro assentiu.

— De facto é uma pena. Gostaria de pensar que, apesar disso, as melhores partes dele ainda estão vivas.

— Ah! sim, os seus versos — sorriu o capitão. — Sempre gostei desse em particular, sendo eu um homem da navegação. É um pouco sugestivo, não acha? Todas essas referências a viagens, ninhos

confortáveis e donzelas. E Príapo é o deus do cio, não dos portos. A ocasião poderia ser o regresso da época das viagens, na primavera, mas penso que talvez o poeta também estivesse a falar do carácter lúbrico dos marinheiros nessa altura, quando deixam as suas amantes de inverno, abrindo caminho pelas ondas e largando âncora em portos desconhecidos.

Antípatro pareceu aturdido por um momento, tão agradado estava com a inspiração do capitão, e depois retomou o controlo das suas plenas capacidades e conseguiu parecer pouco impressionado.

— Você é um homem de discernimento considerável, capitão.

— Sou apenas um grego, e que grego não se sente enlevado pela beleza da sua língua-mãe?

Deu uma suave palmada nas costas de Antípatro.

— Tem de recitar mais poemas, velhote, para nos entreter durante a viagem. Conhece mais poemas de Antípatro?

— Atrevo-me a dizer que posso recitar todo o seu trabalho — disse o meu companheiro de viagem Zótico, com um grande sorriso.